Construções de cópula em russo: quando usar e quando não usar a partícula *eto*?*

Diego Leite de Oliveira**

Resumo: O artigo analisa sentenças copulativas do russo que, no tempo presente, usam a partícula *eto*, em contraposição à estratégia copulativa por justaposição. Quando a partícula *eto* é utilizada, costuma-se considerar que o significado expresso pela sentença é equativo. Quando a cópula é marcada por justaposição de sintagmas em cadeia linear o significado comumente é rotulado como atributivo. Este trabalho aborda o conhecimento linguístico de falantes de russo, identificando quais contextos propiciam o uso do vocábulo *eto*. Como recurso metodológico foi feito um julgamento de aceitabilidade, em que russos residentes na cidade de Moscou avaliavam sentenças copulativas com e sem o elemento *eto*. Os resultados indicam que o uso das estratégias adotadas pelos russos para marcar cópula exibe caráter gradiente, sendo possível observar o uso de *eto* em sentenças equativas, mas também em instâncias de sentenças especificacionais.

Abstract: This paper explores copula sentences in Russian, which exhibit, in present tense, variation in the use of *eto* particle and adposition. When *eto* particle is used, the meaning expressed by the sentence is considered as equative. When the copula relation is expressed by the simple juxtaposition of phrases in a string, linguists may consider the meaning of the sentence as attributive or specificational. This research focuses on the linguistic knowledge of speakers of Russian and seeks to identify which contexts allow the use of particle *eto* in copula sentences. Thus, acceptability judgments were developed in which Russian native speakers living in the city of Moscow evaluated copulative sentences with and without the element *eto*. Results show that the use of strategies adopted by native speakers to mark copula display gradient behavior, so that it is possible to observe the use of *eto* mainly in equative sentences, but also in some instances of specificational sentences.

Palavras-chave: Construções de cópula; Russo; *Eto*.

Keywords: Copula constructions; Russian; *Eto*.

Introdução

* Artigo submetido em 19 de novembro de 2018 e aprovado em 15 de fevereiro de 2019. Agradeço aos professores da Escola de Linguística da Высшая школа экономики em Moscou. Seus comentários durante a apresentação de uma versão preliminar deste trabalho em abril de 2017 em um evento da instituição permitiram o desenvolvimento da metodologia aqui apresentada.

** Professor de língua russa na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: diegooliveira@letras.ufrj.br

Pode parecer banal o fato de que línguas diferentes tendem a apresentar mecanismos diversos para refletir a concepção de mundo em uma cultura. Por outro lado, a descoberta de que russo e português, em alguns aspectos, se comportam de maneira semelhante e, em outros, apresentam estruturas consideravelmente distintas para expressar este ou aquele significado constantemente é motivo de surpresa por parte de falantes de português que se dispõem a estudar o russo como língua estrangeira.

Para além dos modelos distintos de representação escrita ou do número de classes gramaticais inerentes a uma língua ou outra, os estudantes de russo deparam-se com mais uma dificuldade inicial, diante das formas de expressão da cópula nesse idioma, quando ainda nem mesmo travaram conhecimento com outro caso de declinação além do nominativo. Assim como os estudantes, os linguistas que investigam o russo também encontram questões interessantes quando da descrição do funcionamento da cópula.

Línguas românicas como o português, por exemplo, valem-se de verbos para a expressão da cópula em todos os tempos verbais, independentemente do tipo de significado veiculado na sentença. A cópula básica, geralmente expressa na forma do verbo *ser*, apresenta concordância número-pessoal em relação ao sujeito de sentenças copulativas.

Muitas línguas eslavas exibem padrão semelhante ao das línguas românicas. Curiosamente, o russo revela um comportamento específico, se comparado a suas parentes próximas. Ao contrário de outras línguas eslavas, que tendem a seguir o padrão apresentado pelo português relatado acima, o russo geralmente não recorre à cópula verbal para expressar sentenças copulativas no tempo presente.

Russo¹

(1)

<i>Moskva</i>		<i>interesnyi</i>		<i>gorod.</i>
Moscou		interessante		cidade

Moscou é uma cidade interessante.

No exemplo acima, a relação copulativa é marcada pela relação de adjacência entre dois sintagmas nominais [*Moskva*] e [*interesnyi gorod*], estratégia considerada bastante comum na língua em questão, que a partir de agora passo a chamar de justaposição. Além dessa estratégia, é possível observar que sentenças copulativas também podem exibir uma marca explícita, diferente da cópula verbal existente em outras línguas indo-europeias. Essa marca é a partícula² *eto*, um elemento invariável, considerado por alguns estudiosos como cópula, tal como no exemplo (2) abaixo:³

(2)

<i>Ural</i>		– <i>eto</i>		<i>machinostroenie.</i>
Ural		DEM		engenharia mecânica.

Os Urais são engenharia mecânica.

À primeira vista, o estudante de russo como língua estrangeira ou pesquisador que investiga a estrutura gramatical da língua russa pode imaginar que a escolha da estratégia de justaposição simples ou da estratégia que se vale da palavra *eto* pode ser feita de forma aleatória pelos falantes daquela língua, representando um caso de variação livre. Contudo, uma análise mais atenta dos contextos de ocorrência da palavra *eto* em

¹ Natsional'nyi korpus russkogo iazyka. Disponível em: <http://ruscorpora.ru/>

² Neste trabalho, utilizarei de forma intercambiável os termos palavra, elemento, partícula, demonstrativo para me referir a *eto*, dado o seu caráter gradiente. Para maiores informações acerca do caráter de *eto* no uso real da língua, conferir OLIVEIRA, 2017.

³ Cf. VINOGRADOV, 1947; PADUCHEVA, USPIENSKII, 1979; PADUCHEVA, 1982.

sentenças copulativas revela preferências por parte dos falantes acerca dos contextos mais propícios para sua utilização.

Este trabalho visa a apresentar uma descrição preliminar sobre os usos de estratégias de cópula na língua russa no tempo presente, observando especificamente quando é utilizada a partícula *eto* e quando ocorre apenas a justaposição. Para isso, o trabalho recorre, como procedimento metodológico, a uma análise experimental, que considera julgamentos de aceitabilidade, levando em conta um questionamento específico: quais significados são codificados pela justaposição, tal como expressa no exemplo (1), e quais significados são codificados pelo uso do elemento *eto*, tal como no exemplo (2)?

Esse questionamento pode parecer, em princípio, simples de resolver. Alguém poderia dizer: basta ao estudante ou pesquisador recorrer às gramáticas da língua russa para saber como a partícula *eto* deve ser utilizada. No entanto, como é possível verificar em Leite de Oliveira (2013, 2017), tal estratégia não procede, pelo simples fato de não ser possível encontrar tão facilmente em gramáticas e manuais de língua russa qualquer tipo de instrução ou sistematização sobre o comportamento exato do elemento *eto* no discurso, quando este não funciona prototipicamente como um pronome demonstrativo.

O trabalho se organiza da seguinte forma: na próxima seção, é apresentada uma revisão da literatura especializada, que serve de base para o desenvolvimento do presente trabalho empírico. Nela, discute-se inicialmente como algumas gramáticas da língua russa retratam a questão, partindo-se posteriormente para uma discussão sobre como os linguistas caracterizam os diversos significados que sentenças copulativas podem veicular nas línguas do mundo. Em seguida, na seção 3, serão fornecidas informações sobre a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa – que se deu mediante a realização de um experimento denominado julgamento de aceitabilidade, assim como os resultados preliminares de tal estudo – desenvolvido no ano de 2017. Posteriormente, na seção 4, será feito um apanhado geral sobre o que os resultados obtidos nos informam a respeito das estratégias copulativas em russo aqui investigadas. Finalmente, algumas considerações gerais encerram o artigo.

2. Sentenças copulativas e seus significados: revisão da literatura

2.1. Gramáticas da língua russa

Na tradição gramatical russa, pouco pode ser encontrado acerca de sentenças copulativas. De acordo com Vinogradov (1947), retomando as palavras do linguista e lexicógrafo Liev Scherba (1980-1944), a única cópula existente em russo – no sentido estrito da palavra – é *byt'* (*ser, estar, haver*), que, embora apresente terminações de pessoa e, no caso do tempo passado, gênero e número, para Vinogradov, não consiste em um verbo. O estudioso considera que todos os demais elementos copulativos exibem caráter híbrido, o que pode ser dito, aliás, acerca da palavra *eto*.⁴ O gramático inclusive indica que a partícula *eto* serve para fazer uma ligação lógica, tendo apresentado um exemplo extraído da obra *O adolescente*, de Dostoiévski, a saber, “*Vesiolost' tchelovieka – eto samaia vydaiuchaia tchelovieka tcherta...*” (A alegria do homem é o traço humano mais marcante...) (p. 675). Contudo, Vinogradov não segue adiante explicitando o que entende por ligação lógica.

A gramática da língua russa organizada por Chvedova (1980) também é lacônica acerca das sentenças copulativas. Em seu item §1955 (p. 120-121), quando descreve a realização da cópula nas sentenças, relata a possibilidade de uso do elemento *eto*, exibindo uma série de exemplos, sem, contudo, indicar claramente em quais situações seu uso é inaceitável e em quais é aceitável. Embora, para os falantes nativos, a intuição acabe revelando em que contextos utilizar ou não o elemento copulativo, parece haver uma carência na sistematização gramatical formal acerca de seu real uso.

Até mesmo em materiais de cunho gramatical e descritivo produzidos fora da Rússia para linguistas e filólogos em formação, é possível encontrar tal lacuna. Cubberley em sua *Russian: A Linguistic Introduction*, publicada pela Cambrid-

⁴ Cf. PADUCHEVA, 1982; OLIVEIRA, 2013, 2017.

ge University Press em 2002, obra em que o estudioso busca apresentar um panorama interessante sobre a língua russa, é bastante inexpressivo quanto ao uso da cópula, limitando-se, em relação à palavra *eto*, a afirmar que, nos casos em que se usa travessão – que, segundo Cubberley, são os contextos em que sujeito e predicativo são nomes –, também é possível utilizar a palavra *eto*⁵.

2.2. Revisão da literatura linguística e base teórica para a discussão

Na tradição de estudos linguísticos sobre sentenças copulativas nas línguas naturais, é comum seus significados serem divididos em ao menos dois tipos: aqueles que envolvem uma espécie de predicação do sujeito, associando-o a um determinado conjunto ou classe; e aqueles que promovem uma mera relação equativa entre dois elementos que possuem o mesmo referente.⁶ Os exemplos abaixo, extraídos do Corpus do Português,⁷ ilustram esses dois tipos encontrados na literatura:

(3)

São Luiz é hospitaleira... [atributiva]

(4)

...por sinal na vida real ele é o melhor amigo do meu marido [identificacional]

Em (3), a interpretação da sentença sugere que a cidade de São Luís pode ser atribuída à classe das entidades hospitaleiras, ao passo que a interpretação decorrente da sentença (4) é a de que o referente do pronome *ele* e o referente do sintagma *melhor amigo do meu marido* são o mesmo. A esse propósito, Halliday (2014) destaca a diferença entre atribuição, ou seja, um enunciado em que se estabelece a propriedade de uma en-

⁵ CUBBERLEY, 2002, p. 211.

⁶ Cf. BENVENISTE, 1950; HALLIDAY, 2014; HENGVELD, 1992.

⁷ DAVIES, 2004-2015. Disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/>

tidade, e identificação, um enunciado em que se estabelece a identidade de uma entidade. O mesmo tipo de caracterização pode ser observado em seus próprios termos, na análise lógica proposta por Arutiunova (1976), na diferenciação entre predicação ou caracterização, por um lado, e identificação, por outro.

Geist (2007) sugere que somente esses dois tipos de sentença copulativa não dão conta de descrever a gama de significados passíveis de serem expressos e sugere outro grupo semântico para dar conta desse tipo de sentença. De acordo com a estudiosa há pelo menos mais um terceiro tipo, a saber, a especificação, ilustrada em (10):

(5)

Em *Crime e castigo*, o assassino da velha agiota é Raskolnikov. [especificacional]

Nesse tipo de sentença, o SN1 que antecede a cópula expressa uma variável 'x' de uma pressuposição que carece de especificação. A finalidade do SN2 na sentença é prover uma especificação para essa variável. Tomando-se o exemplo (10), observa-se que o SN1, *o assassino da velha agiota*, evoca a pressuposição de existência de um assassino da velha, ao passo que o SN2, *Raskolnikov*, especifica a identidade do assassino.

Em uma análise contrastiva entre o russo e o inglês, Geist postula que construções equativas exigem obrigatoriamente a presença do pronome demonstrativo *eto*, diferentemente de outros tipos semânticos, como a copulativas predicativas ou especificacionais, como nos exemplos abaixo, fornecidos pela autora:

(6)

Mark Twain – eto Samuel Clemens. [equativa]

(7)

Ivan vysokij. [predicativa]

(8)

Ubijca staruxi – Raskol'nikov. [especificacional]⁸

A descrição fornecida por Geist e compartilhada por Partee (2010) parece remeter a um cenário considerado aparentemente estável, em que o uso de *eto* em construções equativas apresenta-se como categórico, assim como a sua impossibilidade de uso em construções copulativas predicativas e especificacionais. Além disso, os exemplos fornecidos pela autora dão conta de ilustrar instâncias de construções equativas em que o referente do SN1 é concretamente o mesmo que o referente do SN2 na construção. O que fazer, portanto, em exemplos como o (9), em que o uso de *eto* aparentemente não é obrigatório, e em (10), reprodução do exemplo (2), em que o processo envolvido na construção de igualdade entre o SN1 e SN2 não se dá por uma relação de identidade simples de seus referentes, mas por uma espécie de procedimento metonímico, em que propriedades características do SN2 podem servir com meios de identificar o SN1:

(9)

<i>Machin</i>	⋮	<i>brat –</i>	⋮	<i>Sachin</i>	⋮	<i>muž.</i>
de Macha		irmão		de Sacha		marido

O irmão de Macha é o marido de Sacha.

(10)

<i>Ural</i>	⋮	<i>eto</i>	⋮	<i>machinostroenie.</i>
Urais		DEM/COP		engenharia mecânica.

Os Urais são engenharia mecânica.

⁸ Exemplos como esse são caracterizados, na perspectiva de Halliday (2014), como instâncias de identificação.

Exemplos como (8) e (9) se colocam para nós como uma evidência de que talvez o cabedal de significados expressos pelas construções de cópula carece de maior aprofundamento, além de nos informar que a descrição dos contextos de uso do elemento *eto* em construções desse tipo se demonstra ainda incompleta, como veremos na seção 4 deste artigo.

Tomando-se como base a proposta de Geist (2007), corroborada por Partee (2010), e considerando-se o fato de que, a despeito das contribuições existentes para a descrição da cópula em russo, não fica exatamente claro em termos empíricos qual contexto favorece a mera justaposição ou o uso da cópula pronominal em construções copulativas no tempo presente, faz-se relevante um estudo experimental acerca dessa variação.

Diferentemente das supracitadas Geist e Partee, que adotam uma perspectiva formal sobre o estudo da língua, este trabalho tem, como concepção teórica de análise, o modelo linguístico da Gramática de Construções Baseada no Uso (cf. Diessel 2015), de acordo com o qual a representação mental da língua, identificada como a gramática internalizada do falante, é o produto da associação de atividades cognitivas de domínio geral e a experiência que o falante tem com o uso da língua. Nesse sentido, a forma como os falantes de uma língua a utilizam em uma comunidade de fala pode causar impacto no conhecimento subjacente do falante acerca de sua língua.⁹ Com vistas a compreender como os falantes nativos de russo compreendem o uso do elemento *eto* e da justaposição em sentenças copulativas no tempo presente, utilizam-se como procedimento metodológico de análise julgamentos de aceitabilidade aplicados a falantes nativos de russo. Esse procedimento será detalhado na próxima seção.

⁹ Para um panorama sobre o modelo teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso, sugere-se a leitura de Diessel (2015) e Leite de Oliveira (2017).

3. Sentenças copulativas no tempo presente em russo: os contextos de uso de *eto* e da justaposição.

Como já visto acima, o russo exhibe variação quanto à estratégia de cópula nas assim chamadas sentenças copulativas. Essa variação se evidencia quando tomamos o tempo presente, em que a justaposição se apresenta como estratégia não marcada.¹⁰ A diferença entre as construções copulativas é que algumas sentenças exibem somente a justaposição de SNs para a marcação de uma relação copulativa entre elas, ao passo que outras sentenças requerem o uso obrigatório da partícula¹¹ *eto*, como já mencionado acima e como ilustram os exemplos abaixo:

(11)

<i>Vassia</i>	:	<i>vratch.</i>
Vássia	:	médico.

Vássia é médico.

(12)

<i>Rossii</i>	:	<i>eto</i>	:	<i>nieft'.</i>
Rússia	:	DEM	:	petróleo

A Rússia é petróleo.

Diante dessa variação na expressão da cópula, um questionamento interessante emerge: em quais contextos o uso de

¹⁰ Para compreender o conceito de marcação em linguística e aqui utilizado, cf. GIVÓN, 1995.

¹¹ A caracterização do elemento *eto* nesse tipo de contexto é variada. Alguns mantêm a classificação de *eto* como um elemento pronominal; outros afirmam tal elemento como uma cópula híbrida. Para uma discussão sobre a natureza do elemento *eto* nesse tipo de construção, conferir OLIVEIRA, 2017.

eto é obrigatório, facultativo ou inaceitável? Com vistas a fornecer evidências para esclarecer esse questionamento, e com base na Gramática de Construções baseada no Uso, um procedimento de julgamento de aceitabilidade foi aplicado a falantes nativos do idioma russo, o qual será mais bem descrito nas linhas que se seguem.

3.1. Metodologia: o desenvolvimento de julgamentos de aceitabilidade

A fim de identificar os contextos em que o uso de *eto* se faz obrigatório, aqueles em que tal uso é opcional e os contextos em que é considerado inaceitável, procedo a um recurso metodológico denominado julgamento de aceitabilidade, que nesta pesquisa consiste em uma avaliação, realizada por informantes que falam o russo como língua materna, acerca do grau de aceitabilidade das sentenças apresentadas.

QUESTIONS

RESPONSES

Тест допустимости

Прочитайте следующие фразы оцените их, учитывая следующую шкалу:

1 – Так не говорят.
2 – Сомневаюсь.
3 – Зависит от контекста.
4 – Иногда я так говорю.
5 – Я предпочитаю говорить так независимо от контекста.

Сашин брат – это машин муж.

1

2

3

4

5

☐

☐

☐

☐

☐

Figura 1. Imagem da tela inicial do teste de aceitabilidade.

Os participantes, após aceitarem formalmente a participação no julgamento, eram solicitados, na atividade em questão, a avaliar cada construção apresentada e atribuir-lhes uma nota, variável de 1 a 5, em que 1 consiste no grau mínimo de aceitabilidade (a construção é totalmente inaceitável) e 5 corresponde ao grau máximo de aceitabilidade (a construção é totalmente aceitável), tal como indicado na figura 1, abaixo. Nas instruções as notas foram apresentadas como representativas dos seguintes rótulos: 1 – *Tak nie govoriat* (não falam desse jeito); 2 – *Somnievaius'* (tenho dúvidas); 3 – *Zavisit ot konteksta* (depende do contexto); 4 – *Inogda ia tak govoriu* (Às vezes eu falo assim); 5 – *Ia predpochitaiu govorit tak niezavisimo ot konteksta* (Prefiro falar assim independentemente do contexto).

Os exemplos desenvolvidos para o teste foram apresentados na forma de um questionário, preparado em um formulário do Google Docs, ao qual os informantes respondiam por meio eletrônico. Após o preenchimento, os dados ficavam armazenados em uma planilha de MS Excel, para posterior processamento.

O julgamento de aceitabilidade avaliava, como o nome diz, o grau de aceitabilidade do emprego de *eto* em construções de cópula e o emprego da mera justaposição. Os participantes eram, portanto, expostos às construções de cópula com e sem a partícula *eto*, julgando qual das expressões consideravam mais ou menos aceitável. Embora os exemplos fossem apresentados aos participantes de forma aleatória, os dados foram criados seguindo-se uma organização específica, descrita a seguir.

Basicamente, foram selecionados três grupos de construções de cópula de acordo com o tipo semântico, caracterizados como grupo 1 – construções equativas; grupo 2 – construções especificacionais; grupo 3 – construções atributivas. Cada grupo foi subdividido em grupos menores, considerando o grau de especificidade da construção. Por exemplo, no que se refere às construções do tipo atributiva, foram criados exemplos de caracterização que considerassem tanto a atribuição de uma propriedade inerente como no exemplo *Macha kra-*

Atributivas	Identificacionnais
a. Vania eto vratch Vânia DEM médico. Vânia é médico.	a. Sachin brat eto Machin muj. de Sacha irmão DEM de Macha marido. O irmão de Sacha é o marido de Macha.
b. Vania - vratch. Vânia médico. Vânia é médico.	b. Sachin brat - Machin muj. de Sacha irmão de Macha marido. O irmão de Sacha é o marido de Macha.
a. Tania krassivaia. Tania bonita Tania é bonita.	a. Voda - jizn. Água - vida. Água é vida.
b. Tania eto krassivaia. Tania DEM bonita Tania é bonita.	b. Voda - eto jizn. Água DEM vida. Água é vida.

Quadro 1. Exemplos utilizados no julgamento de aceitabilidade.

sivaia (Macha é bonita), como atribuição de classe, como no exemplo *Vassia vratch* (Vássia é médico). No caso do grupo de equativas, foram criados exemplos que expressassem tanto a noção de que os referentes do SN1 e do SN2 da construção eram idênticos, tal como em *Machin brat – sachin muj* (O irmão de Sacha é o marido de Macha), como construções em que houvesse algum tipo de identificação metafórica ou metonímica, como por exemplo em *Voda – eto jizn* (Água é vida). Ao todo, foram produzidos 48 exemplos experimentais, 16 para cada grupo, sendo 8 com e 8 sem o elemento *eto*. Acima, no quadro 1, seguem alguns exemplos dessas construções.

O questionário apresentado aos participantes foi feito em quatro versões diferentes, seguindo o método de quadrado latino.¹² Essas versões contavam com 24 sentenças copulativas com o elemento *eto* (8 atributivas, 8 equativas e 8 especificacionais), 24 sentenças sem esse elemento (8 atributivas, 8 equativas e 8 especificacionais), denominadas sentenças experimentais, e mais 72 sentenças não copulativas e com estrutura sintática diversificada, denominadas distratoras, perfazendo ao todo 120 estímulos aos quais os participantes foram expostos. Esse procedimento se fez necessário, para que os participantes não fossem influenciados pela presença de muitos dados semelhantes para julgamento e identificassem o fenômeno estudado na pesquisa, enviesando o seu julgamento. Cada versão foi apresentada a um grupo de 6 informantes, totalizando 24 participantes ao final do julgamento, todos moradores da cidade de Moscou, falantes de russo como L1. O julgamento de aceitabilidade foi realizado durante a segunda semana de abril de 2017¹³.

Ao final da realização dos julgamentos de aceitabilidade, a análise das sentenças experimentais teve início, computando-se as notas atribuídas pelos participantes a cada um dos exemplos de sentenças experimentais por eles avaliados. Em seguida, foi obtida a média aritmética de cada exemplo ao que se sucedeu uma divisão, considerando tanto os subgrupos criados – que contemplavam construções equativas (ou identificacionais), especificacionais e atributivas (ou predicativas) – como o uso ou não do elemento *eto* na construção. As médias aritméticas atribuídas a cada exemplo serviram para se obter uma média aritmética global por grupo semântico.

¹² Método de distribuição que visa a apresentar um número equilibrado e não repetido de frases experimentais para cada participante do experimento. Essa técnica foi utilizada a fim de que os indivíduos não tivessem contato com exatamente a mesma frase com e sem o elemento *eto*, a fim de que não se colocassem predispostas a avaliar de forma tendenciosa as sentenças que lhes eram apresentadas.

¹³ Uma versão desse teste foi feita em caráter embrionário, com um número bastante elevado de participantes e sem um maior controle de variáveis e dos estímulos entre os anos de 2015 e 2016. Após defesa de tese de doutoramento defendida em 2017, em que esse teste foi discutido tangencialmente, uma nova versão foi desenvolvida em abril do mesmo ano. São os resultados preliminares desta última versão do julgamento de aceitabilidade que apresento neste trabalho.

3.1.1. Hipóteses

As hipóteses subjacentes a esse experimento referem-se aos tipos semânticos de sentenças copulativas especificados na literatura linguística e mencionados acima. Tomando por base a proposta tripartida sugerida por Geist (2007) e Partee (2010), em análise comparativa entre o russo e o inglês, tinha-se como hipótese o fato de que o uso de *eto* é sensível à semântica expressa pela sentença copulativa. Assim, se a hipótese estiver correta, o uso de *eto* será preferido em um tipo de sentença (grupo semântico) e não em outro. De acordo com a proposta de Geist e de Partee, sentenças equativas consistem no único tipo em que *eto* é permitido. Se essa proposta das autoras estiver correta, sentenças equativas com o elemento *eto* receberão, indefinidamente, pontuação maior na avaliação feita por falantes nativos, ao passo que sentenças atributivas e especificacionais receberão pontuação negativa (ou seja, próximo do número mínimo) quando apresentarem o elemento em pauta.

Como foram propostos exemplos diversificados para cada tipo semântico de estrutura copulativa, o objetivo é capturar nuances sutis que não tenham sido previstas na proposta de Geist e Partee. Considerando-se a experiência de confecção dos exemplos testados no julgamento de aceitabilidade, houve dificuldade em estabelecer a homogeneidade do tipo semântico em termos das propriedades que caracterizariam todas as instâncias em um dado tipo. Por exemplo, instâncias como "*Ubiitsa starukhi – Raskolnikov*". (O assassino da velha é Raskolnikov) e "*Miebiel eto chkaʹ*" apresentam diferenças, ainda que organizem o referente do SN2 como uma instância mais específica do SN1. No primeiro caso, observamos que Raskolnikov é contrastado em relação a todas as outras possibilidades de preenchimento do SN1 (Raskolnikov e não outro é o assassino), ao passo que no segundo caso, não observamos esse contraste, pois armário é uma instância mais específica do mobiliário, mas mesa, cadeira ou sofá não estão excluídos dessa especificação. Isso faz levantar outro questionamento, a saber, se esses tipos semânticos estipulados na literatura sobre construções copulativas possuem consistência mo-

nolítica, no que tange aos membros da categoria, ou seja, se construções categorizadas como equativas, especificacionais ou atributivas se organizam segundo um modelo de categorização clássico aristotélico, ou se os membros da categoria se organizam em torno de um protótipo, apresentando o que Aarts (2007) denomina gradiência intracategorial.

Nesse sentido, a diversidade de exemplos caracterizados sob os rótulos 'atributivas', 'especificacionais' e 'equativas' visa a confirmar a hipótese de gradiência intracategorial nas sentenças copulativas. Se essa hipótese estiver correta, pode haver diferença em termos da aceitabilidade do uso de *eto* e da justaposição dentro do mesmo grupo semântico de construções. Assim, os falantes atribuirão notas diferentes para itens organizados como pertencentes ao mesmo grupo, de acordo com a percepção e experiência que possuem com as sentenças apresentadas.

Na próxima subseção, serão apresentados os resultados obtidos diante da realização do julgamento de aceitabilidade.

3.2. Resultados

Os resultados obtidos diante da realização dos julgamentos de aceitabilidade apontam para um quadro interessante, exposto abaixo.

Construções de cópula com valor atributivo parecem rejeitar o uso do elemento *eto* quase que categoricamente. Dos pontos atribuídos a construções desse tipo foi possível extrair uma média muito próxima da máxima (5,0) em favor da justaposição, ao passo que sentenças atributivas que continham o marcador *eto* receberam pontuação bastante inferior, tal como demonstra o gráfico 1 (página 102).

No caso das construções com valor especificacional, o uso da justaposição também foi preferido apesar da menor pontuação em relação às construções atributivas. Embora o uso de *eto* tenha sido mais bem avaliado nesse tipo de construção, ainda não pode ser considerado significativo. O gráfico 2 (página 103) ilustra essa distribuição.

Gráfico 1. Distribuição da estratégia copulativa em sentenças atributivas.

No caso das sentenças com valor equativo, o quadro se inverte. A preferência é dada ao uso de *eto*, ao qual foi atribuída maior pontuação, chegando próximo da média aritmética máxima (5). Já a justaposição obteve avaliação baixa, chegando apenas a 50%, gráfico 3 (página 103).

O gráfico 4 (página 104), que apresenta uma análise comparativa do uso da estratégia copulativa a depender do tipo de construção, demonstra que a estratégia de justaposição simples é preferida pelos falantes nativos quando se trata de sentenças do tipo atributivo e especificacional. Sentenças do tipo equativo tendem a refutar a justaposição. O quadro se inverte quando se fala sobre o uso do elemento *eto*. Sentenças atributivas e especificacionais tendem a refutar o uso de *eto*, ao passo que as equativas preferem o uso desse elemento.

Com base no gráfico 3, pode-se afirmar que é possível identificar certa gradiência no que tange, principalmente, ao uso de *eto*. Atributivas e especificacionais, que dão preferência ao uso de justaposição, não apresentam o mesmo grau de recusa no uso do elemento em pauta. A média das notas atribuídas ao uso de *eto* em sentenças especificacionais é mais que o dobro da média das notas atribuídas ao uso desse elemento em sentenças atributivas, o que indica que falantes nativos de russo,

Gráfico 2. Distribuição da estratégia copulativa em sentenças especificacionais.

Gráfico 3. Distribuição da estratégia copulativa em sentenças equativas.

Gráfico 4. Comparação do uso da estratégia de cópula em sentenças atributivas, especificacionais e equativas.

ainda que achem estranhas sentenças atributivas e especificacionais que utilizem *eto* como partícula copulativa, consideram estas últimas menos estranhas que as primeiras.

4. Discussão

Os resultados apresentados na seção anterior ofertam dados relevantes, ainda que em caráter preliminar, acerca da organização das estratégias copulativas em russo. De acordo com os resultados obtidos, pode-se dizer que a hipótese sobre o uso de *eto* ser sensível à divisão das sentenças copulativas em ao menos três tipos – atributivas, especificacionais e equativas, cada uma exibindo comportamento específico – procede. No que se refere às sentenças do tipo atributivo, em que um referente expresso pelo SN1 da construção copulativa é atribuído a uma classe com propriedades específicas, expressas pelo SN2, observa-se o uso da justaposição como estratégia prototípica, como nos exemplos que se seguem, extraídos do julgamento de aceitabilidade:

(13)

Otiets : *vratch.*
Pai : médico

Meu pai é médico.

(14)

Moi : *dom* : *khorochi.*
1POS : casa : bom.

Minha casa é boa.

(15)

On : *moi* : *drug.*
3S : 1POS : amigo.

Ele é meu amigo.

O uso do elemento *eto* em construções desse tipo demonstrou-se inaceitável com pontuação próxima à mínima (1). Por outro lado, das sentenças experimentais do tipo atributivo com *eto*, expostas aos participantes do experimento, uma delas recebeu conjunto de notas, cuja média se faz superior àquelas atribuídas às demais (2,58). Trata-se do exemplo apresentado em (16):

(16)

<i>My</i>	<i>eto</i>	<i>jitieli</i>	<i>Gaga- rinsk- -ogo</i>	<i>raion-a.</i>
1S	DEM/COP	moradores	de Ga- garin- -GEN	bairro-GEN.

Nós somos moradores do bairro Gagarin.

Uma explicação possível para a diferença na nota atribuída a esse exemplo, especificamente em relação à média de 1,33

das sentenças atributivas em geral, pode residir em uma possível interpretação especificacional evocada por esse tipo de sentença. O SN2 *Jiteli Gagarinskogo raiona* pode ser interpretado tanto como referindo-se a uma classe à qual a primeira pessoa do plural (nós) está sendo atribuída, quanto como uma maior especificação acerca da identidade do SN1. Esse tipo de situação, em que é possível obter dupla interpretação sobre a natureza semântica da sentença, indica uma forma de gradiência existente entre sentenças desse tipo, que pode futuramente ser mais bem estudada, qual seja, a gradiência intercategoria, definida por Aarts (2007) como a impossibilidade de estabelecer fronteiras bem definidas entre os membros de categorias distintas. Nesse caso, especificamente, desbotam-se as fronteiras entre atribuição e especificação, o que talvez tenha permitido aos participantes do experimento caracterizar o uso de *eto* como não totalmente inaceitável nesse exemplo específico.

No que diz respeito às sentenças especificacionais, em que o referente expresso no SN2 serve para especificar alguma variável carente de identificação, evocada pelo SN1, também se observa a preferência pelo uso de justaposição. Os exemplos abaixo explicitam o que foi considerado especificação no experimento.

(17)

<i>Stolitsa</i>	⋮	<i>Rossi-i</i>	⋮	– <i>Moskva</i> .
capital	⋮	ússia-GEN	⋮	Moscou

A capital da Rússia é Moscou.

(18)

<i>Avtor</i>	⋮	<i>Djokond-y</i>	⋮	– <i>Leonardo da Vinci</i> .
autor	⋮	Gioconda-GEN	⋮	–Leonardo da Vinci.

O autor da Giocanda é Leonardo da Vinci.

(19)

<i>Moi</i>		<i>lutchii</i>		<i>drug</i>		<i>-ty.</i>
IPOS		melhor		amigo		-2S.

Meu melhor amigo é você.

Dos exemplos apresentados acima, o de número (19) exibiu comportamento discrepante em relação ao uso de *eto*. A diferença entre *Moi lutchii drug - ty* e *Moi lutchii drug - eto ty* não se revelou relevante tomando-se as médias das notas atribuídas pelos participantes do experimento (4,4 e 3,7, respectivamente). Nesse sentido, pode-se dizer que aqui há algum fator que provoca variação e que deve futuramente ser investigado. Haveria algum elemento contido em sentenças como *Moi lutchii drug - eto ty* que favoreceria a interpretação favorável ao uso de *eto* em relação a outras sentenças especificacionais, ou seja, haveria alguma propriedade nesse tipo de construção favorecendo uma leitura equativa? Explico: embora em construções especificacionais o referente evocado pelo SN2 seja mais específico em relação ao SN1, algumas delas podem ser encaradas como a mera equação de elementos em que o referente evocado pelo SN1 é o mesmo que o referente evocado pelo SN2, configurando assim uma leitura meramente identificacional (ou equativa). Assim, o referente do SN1 no exemplo (19) *moi lutchii drug* pode ser igualado ao referente do SN2, *ty*. Aqui poderíamos ter mais um caso de gradiência intercategoria.

Esse fato é interessante e talvez explique por que construções equativas do tipo *Machin brat eto Sachin muj*, expressa acima no exemplo (9), admitam o uso de *eto* ou a justaposição igualmente. Como podem provocar tanto uma leitura equativa como uma leitura especificacional, a depender do contexto em que ocorrem, o uso de *eto* ou a mera justaposição podem ser determinados justamente por pressões contextuais. Cabe futuramente compreender um pouco mais sobre o contexto de ocorrência dessas construções, o que talvez seja possível através da análise de *corpora*.

No que se refere especificamente às construções equativas, a hipótese de Geist, a saber, a de que o uso de *eto* seria obrigatório nesse tipo de construção, se confirma apenas parcialmente. Tomem-se os exemplos a seguir:

(20)

<i>Tchekhov</i>	<i>eto</i>	<i>Puchkin</i>	<i>v prozie.</i>
Tchekhov	DEM/COP	Puchkin	em prosa
			-PRE.

Tchékhov é Púchkin em prosa.

(21)

<i>Smartfon</i>	<i>eto</i>	<i>rabstvo.</i>
Smartphone	DEM/COP	escravidão.

Smartphone é escravidão.

(22)

<i>Dieti</i>	<i>eto</i>	<i>zabota.</i>
Filhos	DEM/COP	cuidado.

Filhos requerem cuidado. (lit. filhos são cuidado).

Acima podemos verificar relações distintas envolvidas em sentenças equativas. Em (20), não é que Tchekhov seja realmente igual a Púchkin em prosa. Na verdade, ele pode ser comparado a Púchkin por apresentar alguma propriedade passível de comparação. Em (21) a relação estabelecida entre smartphone e escravidão é de causa e efeito, na medida em que o uso desenfreado do smartphone pode ser considerado como provocando dependência ou subserviência. Em (22) observa-se relação semelhante entre crianças/filhos e cuidado, na medida em que ter filhos requer cuidar deles. Tal fato já havia sido, ainda que de forma breve, salientado por Paducheva e Uspienskiy em 1979. Construções desse tipo exibiram

comportamento quase categórico em relação à avaliação feita pelos informantes, favorecendo amplamente o uso de *eto*, em detrimento da justaposição, que recebeu avaliação negativa, ainda que não tão negativa quanto o uso de *eto* em construções atributivas. Por outro lado, construções equativas prototípicas em que o referente do SN1 e o referente do SN2 são exatamente os mesmos, apresentam pontuação irrelevante para o uso de *eto* ou justaposição, indicando a variação já mencionada acima.

Considerando as discussões supramencionadas, podemos chegar às seguintes conclusões:

a) Em relação à distinção da estratégia copulativa por tipos semânticos, é possível afirmar que sentenças atributivas são expressas mediante justaposição, assim como sentenças especificacionais. Sentenças equativas, por seu turno, são expressas através do elemento *eto*, tal como defendido por Geist (2007) e Partee (2010);

b) Em relação à gradiência intracategorial, observa-se que algumas instâncias de cada subtipo apresentado aos participantes revelam-se mais prototípicas, pois receberam notas mais elevadas dos participantes do experimento, ao passo que outras receberam notas bem inferiores, configurando casos de elementos que se desviam do protótipo em algum grau. No entanto, será necessário estabelecer os motivos pelos quais houve essa discrepância;

c) Ainda que construções atributivas e especificacionais refutem o uso do elemento *eto*, fazem isso em proporções distintas, pois falantes nativos de russo tendem a considerar construções especificacionais com *eto* menos estranhas do que atributivas com *eto*. Tal fato se explica pela proximidade conceptual entre a expressão de sentenças especificacionais e equativas, abrindo espaço para o estudo da gradiência inter-categorial, fenômeno que pode vir a ser mais bem estudado futuramente.

Diante das conclusões apresentadas acima, é possível observar que, apesar de as propostas de Geist (2007) e Partee (2010) demonstrarem-se corretas para o uso de *eto* em sentenças

copulativas, o estudo empírico de tais sentenças revela que a codificação das sentenças como atributivas, especificacionais e equativas é mais complexa do que imaginado pelas autoras. As fronteiras entre tais categorias não são discretas, mas sim gradientes. Cabe mencionar, no entanto, diante da investigação empírica ora empreendida, a necessidade de utilização, no futuro, de testes estatísticos como a análise de variância (ANOVA) e outros testes que se façam necessários. No presente momento foram apresentados apenas os resultados relativos às notas atribuídas pelos participantes do experimento, sem ter sido desenvolvido o processamento estatístico desses resultados. O aperfeiçoamento do design do experimento, bem como o desenvolvimento de tratamento estatístico dos dados, constitui uma próxima etapa a ser desenvolvida.

5. Considerações finais

Apesar de as construções copulativas serem há bastante tempo estudadas pelos linguistas e pelos filósofos da linguagem, ainda pouco tem sido feito no sentido de estender os achados ao ensino de língua russa como L2, principalmente através do estudo de formas de expressão relativamente variáveis na língua. Aqui, especificamente, observa-se a relativa escassez quanto aos estudos sobre as formas da expressão da cópula, sob uma perspectiva experimental, de maneira que esforços na tentativa de preencher essa lacuna são muito bem-vindos.

Este trabalho, com base em julgamentos de aceitabilidade desenvolvidos com falantes nativos de russo da cidade de Moscou, buscou fornecer *insights* acerca do uso de estratégias copulativas para expressar os diversos significados inerentes à cópula em russo, ainda que em caráter preliminar. Observa-se que é possível dividir as construções copulativas nessa língua em ao menos três tipos, a saber, as especificacionais e as atributivas, que favorecem a estratégia copulativa de justaposição simples, sem a presença de qualquer elemento formal

copulativo; e as equativas, que favorecem o uso do elemento *eto* como cópula. Além disso, é possível observar que esses grupos apresentam gradiência interna, na medida em que nem todos os exemplos exibem exatamente as mesmas propriedades dentro da mesma categoria, e gradiência entre os grupos, na medida em que algumas instâncias caracterizadas como atributivas podem ser confundidas com especificacionais e algumas instâncias dessas últimas podem ser confundidas com equativas. Esse tipo de contribuição pode ser útil na preparação de material que esclareça quando a partícula *eto* pode ou não ser utilizada em uma sentença copulativa.

Os resultados desta pesquisa permitem também lançar luz a uma discussão acerca do caráter híbrido do elemento *eto* em russo. Que propriedades permitem que o *eto* seja utilizado primordialmente em sentenças equativas? Qual o status do elemento *eto* nesse tipo de construção em russo? Seria ele mais copulativo ou mais pronominal? Existiriam outras propriedades formais que diferenciariam construções equativas das especificacionais e atributivas, como, por exemplo, do ponto de vista prosódico? Em construções atributivas qual é o papel dos adjetivos de forma curta e de forma longa na expressão do significado? Todas essas questões requerem o desenvolvimento de trabalhos no futuro, que perpassam por diversas vias metodológicas, em que a linha experimental constitui apenas um dos pilares.

Referências bibliográficas

- AARTS, B. *Syntactic gradience*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- ARUTIUNOVA, N. D. *Priedlojenie i iego smysl. Logiko-semanticheskie problemi*. Moskva: Naúka, 1976.
- CURNOW, T. "Towards a Cross-linguistic Typology of Copula Construction". *Proceedings of the 1999 Conference of the Australian Linguistic Society*, 2003.
- CUBBERLEY, P. *Russian: A linguistic introduction*. Cambridge:

Cambridge University Press, 2002.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: Ewa Dąbrowska and Dagmar

Divjak (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

GEIST, L. Predication and Equation *In Copular Sentences: Russian Vs. English*. In: Ileana Comorovski and Klaus von Heusinger (eds.) *Existence: Semantics and Syntax*. Amsterdam: Springer, 2007, p. 79-105.

HALLIDAY, M. K. A. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2014.

HENGVELD, K. *Non-verbal Predication: Theory, Typology, Diachrony*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

LEITE DE OLIVEIRA, Diego. Construções de foco com o marcador *éto* em russo. Rio de Janeiro: 2017. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LEITE DE OLIVEIRA, D. *Multifuncionalidade da palavra eto: implicações para o ensino de russo para estrangeiros*. *RUS – Revista de Literatura e Cultura Russa*, V. 2, Nº 2, 2013.

PADUCHEVA, E.; USPIENSKII, V. A. *Podliejacheie ili skazuie-moie? (semantitcheskii kritierii razlitchienia podliejachiego i skazuie-mogo d binominativnykh priedlojeniakh)*. *Izv. NA, NA SSSR*, T. 38, Nº 4, 1979.

PADUCHEVA, E. Znatchienie i sintaksitchekie funktsii slova eto. *Problemy strukturnoi lingvistiki 1980*. Moskva: Naúka, 1982.

PARTEE, B. Specificational copular sentences in russian and english. In: Grønn, A. & Marijanovic, I. (eds.) *Russian in Contrast, Oslo Studies in Language* 2(1), 2010. 25–49

VINOGRADOV, V. *Russki iazyk*. Moskva: UPEDGIZ, 1947.